
PERSONAGENS QUEER NOS CONTOS DE MARCELINO FREIRE¹

Olinson Coutinho Miranda²

RESUMO

Este artigo tem como tema a análise dos estudos queer na literatura de Marcelino Freire, o qual objetiva um estudo minucioso do queer, seu surgimento e referências para demonstrar uma forma de pensar na ambiguidade, multiplicidade e fluidez das identidades sexuais e de gêneros. Marcelino Freire retrata os excluídos que estão à margem da literatura, destacando o homossexual masculino em suas configurações de gays afetados, afeminados, travestis e bichas.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria Queer; Literatura; Marcelino Freire.

ABSTRACT

This article focuses on the analysis of queer studies in literature MarcelinoFreire, which aims at a detailed study of queer, its emergence and references to demonstrate a way of thinking about the ambiguity, multiplicity and fluidity of gender and sexual identities. MarcelinoFreire portrays the excluded that are on the margins of literature, studying the male homosexual in their configurations affected gay, effeminate, queers and travesties.

KEYWORDS: Queer Theory; Literature; MarcelinoFreire.

A Teoria Queer surgiu nos Estados Unidos na década de 90 do século XX com a relação entre os Estudos Culturais e o Pós-estruturalismo francês, no intuito de questionar, problematizar, transformar, radicalizar e ativar uma minoria excluída da sociedade centralizadora e heteronormativa. Portanto, representa as minorias sexuais em sua diversidade e multiplicidade, levando em consideração todos os tipos e concepções de sexualidade.

A teoria queerteve como referencial teórico os estudos de Foucault e Derrida, além da contemporânea Judith Butler, constituindo uma resposta à problemática do déficit sofrido pelos estudos *gays* e *lésbicos*. Quanto à relação de estudos *gays* e teoria queer, Denilson Lopes acrescenta que:

¹ Artigo apresentado no IV Seminário Internacional de Literatura e Cultura (SENALIC) na UFS, acontecido nos dias 03 e 04 de maio de 2013.

² Professor de Língua Portuguesa e Inglesa pela Secretaria de educação do Estado da Bahia (SEC) no programa EMITec e mestrando em Crítica Cultural pela UNEB.

Os estudos gays, lésbicos e transgêneros são áreas interdisciplinares de estudos emergentes na academia norte-americana pós os anos 60, com o estabelecimento de disciplinas, programas, centros, realização de congressos. Essa área sofre crítica nos anos 90 pela teoria dos estudos queer, ao retomar uma radicalidade política na contraposição a uma visão integrativa que o termo gay foi assumindo na sociedade norte-americana. O termo queer inclui simpatizantes e é paralelo ao interesse pelo transgênero, pela bissexualidade. (LOPES, 2002, p 50.)

Lopes apresenta que os estudos gays e lésbicos são precedentes da teoria queer e dão seu sustentáculo e base, porém são considerados deficientes em relação à representação da multiplicidade sexual e o combate à discriminação e exclusão. Dessa forma, a teoria queer entra em cena para retratar os novos entendimentos, reflexões, lutas em busca de igualdade e participação ativas dos diversos sujeitos sexuais existentes na atualidade.

É importante destacar, que a palavra queer, utilizada pelos teóricos, não tem uma tradução exata para a Língua Portuguesa. Portanto, a expressão queer é traduzida como estranho, talvez ridículo, raro, excêntrico, extraordinário. Retratando assim, uma situação de dúvida, questionamento, novidade, rebeldia e diversidade.

E como Louro também afirma:

Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante- homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser integrado e muito menos tolerado. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro e nem o quer como referências; um jeito de pensar que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do entre lugares, do indecível. Queer é um corpo estranho que incomoda perturba, provoca e fascina. (LOURO, 2004, p 57).

A ideia dos teóricos usarem o termo queer, representando raro, excêntrico, vem da situação de positivar a repulsa, a humilhação, de forma pejorativa, que os homossexuais são agredidos e insultados pela sociedade heteronormativa e centralizadora. Segundo Butler (2002), a cultura queer adquire todo o seu poder precisamente através da invocação reiterada que o relaciona com acusações, patologias e insulto).

Goffman (1988) declara que:

A partir da subversão da ordem operada por uma relação homossexual, os homossexuais são invisibilizados e estigmatizados socialmente. O estigma se refere ao conjunto de atributos inscritos na identidade social de um indivíduo, os quais, em uma interação, podem desacreditá-lo/depreciá-lo, tornando-o um indivíduo “menor” socialmente. (GOFFMAN, 1988, p.34)

A teórica confirma a situação de “menor” do indivíduo homossexual que subverte a ordem de uma sociedade heteronormativa. E essa sociedade torna-o desacreditado, estigmatizado, depreciado e excluído devido à conduta social normatizante e seletiva. Sendo assim, Gamson (2002) relata que “a política queer (...) adota a etiqueta da perversidade e faz uso da mesma para destacar a ‘norma’ daquilo que é ‘normal’, seja heterossexual ou homossexual. Queer não é tanto se rebelar contra a condição marginal, mas desfrutá-la”. Portanto, ser queer é ser marginal, mas essa marginalização é vista como fator positivo, pois o ideal queer, pode assim proclamar uma identidade como minorias sexuais que estão em desacordo com o dominante, o legítimo, o normativo. Hoje as chamadas minorias sexuais estão muito mais visíveis e, conseqüentemente, torna-se mais explícita e acirrada a luta entre elas e os grupos conservadores. A dominação que lhe é atribuída parece, contudo, bastante imprópria.

Quanto à ideia de ruptura e desacordo, é importante salientar o ideal de desconstrução promulgado por Jaques Derrida, pois se luta contra um construtivismo social vigente, determinado pelas normas e regras quanto aos estudos de gêneros e sexuais. Portanto, é necessária uma análise desconstrutivista para garantir a diversidade existente na sociedade contemporânea. Seidman (1995) ratifica que os estudos queer são favoráveis a uma estratégia descentralizadora ou desconstrutiva que escapa das proposições sociais e políticas programáticas positivas; imaginam o social como um texto a ser interpretado e criticado como propósito de contestar os conhecimentos e hierarquias sociais dominantes.

Diante da ideia de diversidade e multiplicidade sexual promulgada pelos estudos queer, destaca-se a presença do escritor Marcelino Freire, nordestino, nascido em 1967 em Sertania, Pernambuco, que vive em São Paulo desde 1991. Escritor de obras como Angu de

Sangue (2000), BaléRalé (2003), Contos Negreiros (2005), Rasif- Mar que Arrebenta (2008), Amar é Crime (2011), as quais narram os dilemas do Brasil contemporâneo. Utiliza-se da ironia, recurso presente em narrativas curtas construídas a partir de um narrador em primeira pessoa. Apresentam-se tensões acerca das questões de desigualdades econômica e social. Em sua literatura, existe forte presença de personagens marginais e/ou marginalizados. A diversidade é grande e se compõe de cidadãos negros submetidos a trabalhos degradantes, moradores de favelas, prostitutas mal-amadas, assaltantes em conflito, miseráveis indignados, pais infelizes, crianças cruéis, vítimas de discriminação e perseguição policial, além de predadores sexuais, pedófilos, estrangeiros praticantes de turismo sexual e como destaque os homossexuais.

O presente artigo destaca a análise de dois contos de Marcelino Freire, “Coração” do livro “Contos Negreiros”(2005), “Junior” da obra “Rasif - mar que arrebenta”(2008), os quais retratam especificidades dentro da diversidade sexual promulgada pela teoria queer.

No conto “Coração”, Marcelino Freire narra em primeira pessoa, a historia de uma bicha, Célio, que transa com muitos homens, a qual se apaixona por um rapaz, Beto, mas esse amor não é correspondido, pois Beto só mantém um caso com Célio como meio de satisfazer puramente seu desejo sexual. Dessa forma, Célio lamenta-se desta situação e deseja que bicha tivesse nascido sem coração, oca, vazia, sem sentimentos. E no conto “Junior” o narrador, Junior, conta a historia em que seu pai ainda casado com sua mãe convida um travesti para tomar café em sua casa após terem saído de um motel. O travesti Magaly sem entender o que estava acontecendo vai com pai em seu carro e quando chega em sua realiza sua função de forma assustada e sem barulho para não ser notado pela esposa do homem.

Vale ressaltar, que a escolha dos contos por retratarem tipos homossexuais representados pela teoria queer, a bicha, o travesti, o bissexual, os quais detêm a voz e apresentam suas vontades, sentimentos e desejos. Ratificando a necessidade da teoria queer de representação das multiplas identidades, composta por um numero complexo de

especificidades e particularidades sócio, histórico, econômico e principalmente cultural. Representam grupos menos favorecidos e excluídos da sociedade heteronormativa centralizadora, mas em sua diversidade, pois englobam os sujeitos da sexualidade desviantes como os homossexuais, os bissexuais, os travestis, os transexuais, as drags.

Bicha devia nascer sem coração. É, devia nascer. Oca. É, feito uma porta. Ai, ai. Não sei se quero chá ou café. Não sei. Meus nervos à flor de algodão. Acendo um cigarro e vou assistir televisão. Televisão. O especial de Roberto Carlos todo ano. Ai que amolação! Esse coração de merda. Bicha devia nascer vazia. Dentro do peito, um peru da Sadia. É, devia. (FREIRE, Marcelino, 2005, p.59).

O travesti foi pisando alto. Equilibrando-se no salto. Como se qualquer hora aparecesse a polícia e perguntasse: o que você viado está fazendo nessa casa?... O travesti mijou, nem deu a descarga. Olhou-se no primeiro espelho que encpntrou. Coragem, Magaly Sanchez, coragem. (FREIRE, 2008, p.62)

Um primeiro ponto a ser observado nesse conto, é a autodenominação de Célio como bicha e de Magaly Sanchez como travesti, utilizam os termos como meio de afirmação de suas identidades enquanto homossexual que tem sentimentos e que precisam ser visto como pessoa humana que fazem parte de uma sociedade múltipla e plural, apesar de ser seletiva e preconceituosa. E como afirma Butler (2003):

São identidades marcadas por valores desiguais, padronizadas e estereotipadas. Percebe-se que a identidade de gênero é significada pela cultura e constituída a partir da socialização, podendo ser concebida como um modo de se relacionar e estar no mundo, constituído por meio das relações que se estabelecem a partir de uma relação *performática* que deve considerar aspectos espaço-temporais, conseqüentemente, subjetividades e identidades peculiares que estão sendo a todo o momento formadas a partir de uma idéia de *aparência de substância* que faz com que se materialize a dicotomia masculino/feminino (BUTLER, 2003, p.51).

Butler afirma a ideia de multiplicidade performática de identidade sexual peculiares existentes, mas que são marcadas por valores desiguais e estereotipadas. Portanto, essa forma múltipla de performance traz uma pluralidade de gêneros e sexual, marcadas pela presença de tipos excêntricos e desviantes que buscam efetividade nessa sociedade excludente e heteronormativa.

Devido a esse fator de repulsa e marginalidade, a construção da identidade sexual se torna arbitrária, instável e excludente, uma vez que traz um silenciamento de outras experiências sexuais múltiplas. Portanto, a teoria queer não abandona essas identidades e experiências, mas propõe um significado permanente aberto, fluido e passível de contestação, para que ocorra o encorajamento e surgimento de diferenças e a construção de uma cultura diversificada e plural.

Dessa forma, María Laura MonetaCarignano (2009) diz:

A ideia é afirmar, positivamente, o caráter estranho, abjeto e ininteligível dos modos de vida e de práticas sexuais e de gênero minoritários. O alvo do discurso queer não é apenas o heterossexismo compulsório de nossas sociedades, mas também o processo de normalização do movimento social e o modo de vida das minorias sexuais. Por isso que a teoria queer aponta não para um binarismo de gênero, como no discurso da heteronormatividade, mas para uma proliferação e dispersão de gêneros. (CARIGNANO, 2009)

Segundo Guacira Lopes Louro (2007), de acordo com a concepção liberal de que a sexualidade é uma questão absolutamente privada, alguns se permitem aceitar “outras” identidades ou práticas sexuais desde que permaneçam no segredo e sejam vividas apenas na intimidade. O que efetivamente incomoda é a manifestação aberta e pública de sujeitos e práticas não heterossexuais. Revistas, moda, bares, filmes, música, literatura, enfim todas as formas de expressão social que tornam visíveis as sexualidades não legitimadas são alvo de críticas, mais ou menos intensas, ou são motivo de escândalo. Na política de identidade que atualmente vivemos serão, pois, precisamente essas formas e espaços de expressão que passarão a ser utilizados como sinalizadores evidentes e públicos dos grupos sexuais subordinados. Sendo assim, se trava uma luta para expressa uma estética, uma ética, um modo de vida que não se quer “alternativo”, mas que pretende, simplesmente, existir pública e abertamente, como os demais.

Celio acariciou o membro de Beto no aperto vespertino, no balanço ferroviário. Beto gozou na mão do veado... E ele parecia, sei lá, um menino bom. Bafao, mona. Abra a janela que estou ficando tonta. (FREIRE, 2005, 60).

O travesti foi pisando alto. Equilibrando-se no salto. Como se qualquer hora aparecesse a policia e perguntasse: o que você viado está fazendo nessa casa?... O travesti mijou, nem deu a descarga. Olhou-se no primeiro espelho que encontrou. Coragem, Magaly Sanchez, coragem. (FREIRE, 2008, p.62).

Quanto a essa ideia de afirmação de identidade, os estudos queer traz a situação em que os homens se transvestem para representar seus desejos e anseios, mas na certeza de que são homens que gostam de homens e não homens que desejam ser mulheres. Freire explicita a situação em que o sujeito masculino que adotam nomes femininos “Coragem, Magaly Sanchez, coragem” usam roupas e acessórios femininos “O travesti foi pisando alto. Equilibrando-se no salto” e utilizam pronomes de tratamento feminino “ficando tonta” para expressar suas vivencias. Dessa forma, Kulick (2008) diz:

A principal característica das travestis... de todo o Brasil, é que elas adotam nomes femininos, roupas femininas, penteados e maquiagens femininos, pronomes de tratamento femininos, além de consumirem grande quantidade de hormônios femininos e pagarem para que outras travestis injetem até vinte litros de silicone industrial em seus corpos, com o objetivo de adquirir aparência física feminina, com seios, quadris largos, coxas grossas e, o mais importante, bundas grandes. Apesar de todas essas transformações, muitas das quais irreversíveis, as travestis não se definem como mulheres. Isto é, apesar de viverem o tempo todo vestidas como mulher, referindo-se umas às outras por nomes femininos, e sofrendo dores atroz para adquirir formas femininas, as travestis não desejam extrair o pênis e não pensam em ‘ser’ mulher. Elas não são transexuais. Ao contrário, afirmam elas, são homossexuais – homens que desejam outros homens ardentemente e que se modelam e se completam como objeto de desejo desses homens” (KULICK, 2008, p.21-22).

Os estudos queer retratam a diversidade sexual em suas variadas formas de relacionamentos entre homens. Uma situação de relação fortemente presente na atualidade seria a relação instável, provisória, momentânea e sem vínculos afetivos, destacando abertamente, fora do armário, o sexo pelo sexo como fundamental e essencial.

Célio conheceu Beto na estação de trem, sem setembro. Moreno bonito. Célio acariciou o membro de Beto no aperto vespertino, no balanço ferroviário. Beto gozou na mão do veado. Encabulado, mascou seu chiclete, desceu e nem olhou para trás, para Célio... Quando acordou, depois de tanto prazer, cadê aquele amor? O menino saiu na madrugada. Evaporou-se. Como? Célio viu se casa estava tudo em ordem. As caçarolas intactas, os ossos continuavam à mostra. Ora, que menino

mais capeta! Só sobrou o chiclete, acredita?...Não aguentei ficar em casa sozinho, e vim tomar um café com você. Essa bosta de tristeza que bate no coração da gente, de repente. Que desmantelo. Bem que Roberto Carlos deveria cortar esse cabelo. E eu, nascer sem coração, repetiu. É sem coração. (FREIRE, 2005, p. 59, 62 e 63).

Nesse trecho, fica evidente a relação entre o homem e a bicha, os quais mantêm uma relação puramente sexual, na qual o homem que se diz heterossexual se envolve com a bicha para se satisfazer sexualmente, sem manter ligação afetiva, porém a bicha permanece na situação enquanto objeto de prazer, portanto apresenta-se como detentora de sentimento e afetividades. Esse sentimento desenvolve ao ponto de se transformar em paixão, amor “Essa bosta de tristeza que bate no coração da gente, de repente”, mas esse amor não é correspondido devido ao fato dos homens apenas usufruírem sexualmente, sem manter um relacionamento, pois esses homens jamais se viriam numa relação afetiva com outros homens, denominados bichas. Marcelino declara em seu conto, a influente presença escancarada das relações queer entre homens e bichas, sendo o homem no papel de dominador, “o macho”, e a bicha, como dominada, “a fêmea”. Como acrescenta Fry:

Chamamos esse sistema de hierárquico porque a relação sexual se dá entre não iguais: o "homem" penetra e domina a "bicha", que é passiva, dominada. O ser que penetra é o masculino, dominante, enquanto que o ser penetrado é efeminado, dominado, inferior. O "homem" pode ter relações com outros machos "bichas" sem perder seu status de "homem". O que diferencia ambos é o papel masculino ou feminino, ativo ou passivo. (FRY, 1982).

Dessa forma, os estudos queer vem representar tudo que envolve a identidade sexual em suas especificidades e pluralidades e colocar em prática uma cultura múltipla e específica de grupos como os gays, as lésbicas, os bissexuais, as bichas, os travestis, os transexuais, as drags. Vale ressaltar, que Marcelino Freire retrata em seus contos grupos específicos como os travestis, os bissexuais, as bichas de forma escancarada, além das relações queer entre homens como forma de concretizar a diversidade existente nessa sociedade centralizadora e heteronormativa.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. Críticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. **Sexualidades transgresoras. Uma antologia de estudios queer**. Barcelona: Icária editorial, 2002.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero. Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CARIGNANO, María Laura Moneta. **O “mundo da bichas” em copi e perlongher: identidade, gênero e literatura**. Anais do SILEL. Volume 1. Uberlândia: EDUFU, 2009.
- FREIRE, Marcelino. **Contos negreiros**. São Paulo: Record, 2005.
- _____. **Rasif, mar que arrebenta**. São Paulo, Record, 2008.
- FRY, Peter. **Para Inglês Ver: Identidade e Política na Cultura Brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- GAMSON, Joshua. *Debenautodestruirse los movimientos identitarios? Unextrañodilema*. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. **Sexualidades transgresoras. Una antología de estudios queer**. Barcelona: Icária editorial, 2002.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1988
- HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- JAGOSE, Annamarie. **Queer Theory: An Introduction**. New York: New York University Press, 1996.
- KULICK, Dom. **Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2008. 280p.
- LAURETIS, Teresa de. **Queer Theory: Lesbian and Gay Sexualities**. In: *Differences: A Journal of Feminist Cultural Studies*, 3(2), iii-xviii, 1991.
- LOPES, Denílson. **O homem que amava rapazes e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- LOURO, Guacira Lopes. **O corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MISKOLCI, Richard. A **teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização**. Sociologias, Porto Alegre, ano 11, v. 1, n. 29, 2009,

SEIDMAN, Steven (org.). **Queer Theory / Sociology**. Oxford: Blackwell. 1996.

Recebido: 02/05/2012

Aprovado: 15/06/2012